

O ALUNO

META

Explorar as principais características do papel de aluno.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

diferenciar as características do indivíduo das características do coletivo;

definir personalidade;

utilizar as características individuais e grupais dos alunos em sala de aula.

PRÉ-REQUISITOS

O papel do aluno, as condições para aprendizagem, as interações na escola e na sociedade.



INTRODUÇÃO

Seja bem vindo, caro aluno, a mais uma aula desta disciplina.

Neste nosso encontro, atentaremos para questões complementares de assuntos que já foram estudados em aulas anteriores, como o papel do aluno, as condições para aprendizagem, as interações na escola e na sociedade, entre outras.

Iniciaremos abordando algumas idéias que foram difundidas pela Psicologia, acerca das diferenças e semelhanças existentes entre as pessoas, para que possamos lidar com estas questões diante do aluno. Em seguida, iremos abordar o conceito de personalidade, mostrando seu funcionamento na vida das pessoas e, particularmente, na dos alunos. Esperamos que você, caro aluno, adquira conhecimentos que possam ajudar na profissão escolhida. Vamos lá?



Diversidade dos alunos. (Fonte: <http://portal.mec.gov.br>)

O ALUNO

Olá, caro aluno! Você já percebeu como o ser humano é complexo? Estamos sempre mudando o nosso ponto de vista de acordo com o contexto em que nos encontramos. Quando éramos crianças, com cerca de dez anos, ouvíamos os nossos pais ou responsáveis dizendo: - Comporte-se, porque você já é um rapazinho (ou mocinha). Mas, se em seguida pedíssemos para sair com os amigos da mesma idade, esses mesmos pais ou responsáveis

nos diriam que não, pois ainda éramos crianças.

Podemos encontrar outro exemplo disso nos relacionamentos afetivos. Quem já não ouviu uma garota apaixonada elogiando o seu namorado? Ela diz para todos os amigos que ele é diferente, gentil, cuidadoso e atencioso. Porém, se sofre uma decepção, conclui logo: - É, homem é tudo igual. É farinha do mesmo saco.

Se você tem irmãos, sabe que o jeito de ser de cada um deles é diferente, suas preferências não são iguais, mesmo tendo recebido uma educação semelhante. Em contra partida, algumas expressões faciais ou verbais tornam os membros de um mesmo grupo familiar parecidos.

AS ESPECIFICIDADES DO SER HUMANO

Afinal de contas, somos iguais ou diferentes? Será que isso vai depender das diversas situações em que nos encontramos? De acordo com Coll e Miras (1996), a Psicologia, em seu trabalho de estudo do comportamento e do desenvolvimento humano, adota dois caminhos de pesquisa com esta perspectiva.

Uma se dedica a pesquisar as semelhanças existentes entre os seres humanos, a outra prega a sua individualidade. A primeira linha de pensamento é representada pela **Psicologia Experimental** e propõe a possibilidade de construção de leis gerais que podem ser aplicadas a todos. A outra forma de pensar, baseada em pesquisas da **Psicologia Diferencial** e da **Psicometria**, conclui que não é possível a formulação de leis que sejam aplicadas da mesma forma para todos.

Essa é uma discussão científica de grande valor (pois propõe diversas formas de enxergar o ser humano) e cuja expectativa é a geração de benefícios para todos. Já sabemos que muitas coisas podem ser generalizadas (horários, normas sociais para o bom convívio etc.), mas outras devem respeitar a individualidade (roupas, costumes, gostos). O interessante de tudo isso é que ao falarmos de individualidades e generalidades, pode haver certa confusão em relação a esses itens. Por exemplo, a roupa é uma escolha individual, mas a moda é coletiva e determina os modelos que você poderá escolher.

Quem adota um visual fora da moda ou dos costumes pode ser julgado de forma negativa, pois se encontra diferente da maioria. Essa é uma das bases para o preconceito. É importante que saibamos avaliar o momento de diferenciar, já que em sala de aula teremos pessoas de todos os tipos e gostos. Mas como fazer isso? Lembre-se que devemos ter cuidado com o preconceito.

O primeiro conhecimento que precisamos ter acerca disso é que o ato de diferenciar é arbitrário, ou seja, primeiro dizemos o que é comum na sociedade, depois diferenciamos o que não segue o padrão. É assim que surgem as idéias de certo e errado.

Psicologia Experimental

É um método de investigação dos fenômenos psicológicos por meio de experimentos e análise sistemática de resultados.

Psicologia Diferencial

É a linha da Psicologia que busca entender as diferenças individuais e sua existência nos grupos.

Psicometria

É a parte da Psicologia que, por meio da aplicação de testes, quantifica os fenômenos psicológicos.

A princípio, consideramos errado tudo aquilo que pode prejudicar, de alguma forma, o indivíduo ou a sociedade, e como certo o que pode trazer-lhe benefícios. O problema aparece quando os interesses individuais se chocam com os interesses coletivos.

Vejam um exemplo bem simples para que possamos entender melhor. É completamente normal que o aluno, ao ir a escola, amarre os cadarços, e muitas escolas exigem que o uniforme esteja dentro de um padrão especificado em suas normas. Mas um aluno será considerado diferente se colocar em seus cadarços vários lacres coloridos de latas de refrigerante antes de amarrá-los.

Esta situação é simples, mas, em algumas escolas, causou problemas e os alunos tiveram que tirar os lacres, ou não entrariam no estabelecimento. Ela mostra como o interesse individual dos alunos entrou em conflito com uma norma social. Usar lacres no cadarço não é problema e não faz mal a ninguém, mas na escola não é um comportamento aceito, pois vai de encontro a uma regra estabelecida (*statu quo*) e isso pode causar a insubordinação que a escola quer evitar.

Saber que a diferenciação é um ato arbitrário é de grande importância para evitarmos erros de interpretação. Como assim? É simples, caro aluno. Raramente paramos para pensar nos conceitos utilizados e aprendidos ao longo da nossa vida. Esses foram construídos por alguém em algum momento, e simplesmente os tomamos como verdades, e com isso, julgamos os outros em suas diferenças. Muitas pessoas julgam a capacidade dos outros com base na aparência, ou a índole de acordo com as roupas que se está vestindo. Quando fazemos dessa forma, estamos desconsiderando toda a potencialidade de alguém só porque não segue um padrão. Antes de julgarmos qualquer pessoa, devemos conhecer o contexto em que ela está inserida.

Vamos observar agora o que Coll e Miras (1996) dizem a respeito das diferenças:

Assim, os propósitos ou razões que podem nos mover no sentido de identificar e medir as diferenças entre os indivíduos podem ser de distinta índole. Em algumas ocasiões, o objetivo pode consistir em descrever as diferenças que existem entre os indivíduos, para poder identificar as pessoas que possuem uma determinada característica ou que a possuem um certo grau, com a finalidade última de outorgar prêmios, aplicar corretivos ou, simplesmente, escolher por motivos diversos (políticos, científicos, desportivos, etc.). Em outros casos, os propósitos que movem a identificação e medição podem ser o de formular predições relativas ao comportamento futuro das pessoas, para selecioná-las em termo de trabalho ou educativamente; identificar o perfil das características que possui um indivíduo, para poder situá-lo corretamente no que diz respeito a uma situação ou tarefa; ou diagnosticar as dificuldades que possui uma pessoa,

a fim de prescrever o tratamento mais adequado para a mesma. Estes propósitos, sem serem logicamente exaustivos nem, é claro, mutuamente excludentes, põe em destaque diferenças conceituais importantes, concernentes às diferenças individuais. Assim, em alguns casos, trata-se de realizar uma comparação estrita entre indivíduos, por razões geralmente práticas, enquanto que, em outros casos, a ênfase radica mais nas diferenças intrínsecas de um mesmo indivíduo, sem que isso suponha necessariamente uma comparação com outros (COLL; MIRAS, 1996, p. 354).

Os autores nos mostram ainda que, desde o início do século XX a Psicologia vem trabalhando as diferenças entre as pessoas. Eis algumas conclusões:

- a) primeiramente, as pessoas foram diferenciadas por **tipos**, podendo ser classificadas pelos tipos X, Z, Y etc.;
- b) em seguida, passaram a analisar os **traços de personalidade**;
- c) observou-se também a destreza. Nessa etapa, a pessoa era classificada pelo que podia ou não fazer.
- d) encontramos também a classificação baseada na psicometria (a sua caracterização terá como base as pontuações alcançadas em testes psicológicos).

Coll e Miras (1996) ainda nos mostram que:

Em épocas recentes, os psicólogos mostraram uma tendência clara a caracterizar as diferenças individuais em termos de traços, ou seja, em termos de características das pessoas que são consistentes através de uma ampla gama de tarefas ou situações e que são mensuráveis mediante de algum tipo de observação comportamental. Este enfoque tornou-se muito frutífero, durante um longo período de tempo, e arraigou-se profundamente no pensamento psicológico contemporâneo.

Contudo, alguns dos pressupostos subjacentes às diferentes teorias dos traços, como por exemplo a existência de um número limitado de traços compartilhados, em maior ou menor grau, por todas as pessoas, foram criticados (COLL; MIRAS, 1996, p. 354).

Diante desse impasse, o perfil pessoal passou a ser valorizado e as diferenças ganharam importância para a adequação das pessoas às funções exercidas. Por exemplo, se uma pessoa gosta de expressar-se oralmente e tem certas habilidades para isso, então, pode trabalhar diretamente com o público; mas quem é mais calado pode apresentar melhor desempenho com computadores e documentos. Com essa visão, todas as pessoas podem contribuir socialmente com suas diferenças. (isso seria uma indicação e não uma determinação)

Tipos

Os tipos são características que definem uma categoria ou classe. De acordo com as suas características, você pertence ao grupo do tipo X, mas outra pessoa pode ser do tipo Y, pois tem características diferentes das suas.

Traços de personalidade

São padrões persistentes de comportamento que têm consistência e que se repetem em diversas situações. O conjunto e a inter-relação de todos os traços do ser humano constituem a personalidade.

Foi através desse novo modo de enxergar as pessoas, caro aluno, que a atitude passou a ser valorizada. Todos têm as suas especificidades, no entanto, deve-se enfatizar mais a atitude de cada um no desenvolvimento de suas atividades e na proposta de soluções de problemas.

Ter atitude é uma das maiores necessidades atuais, mas isso não significa, necessariamente, expor-se, aparecer mais que todos. Ter atitude é dar os passos necessários quando for preciso.



ATIVIDADES

Todos nós sabemos, caro aluno, que temos semelhanças e diferenças com as outras pessoas. Na escola é a mesma coisa. Vimos que muito se estudou sobre isso, passando pelos tipos até chegar à atitude. Para você, até que ponto os aspectos individuais podem ser aproveitados em sala de aula?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na sala de aula, caro aluno, as diferenças individuais podem e devem ser aproveitadas. Teremos maiores dificuldades se considerarmos uma única forma de abordar o aluno. Os aspectos individuais podem ser muito bem aproveitados em atividades grupais com três grandes finalidades: proporcionar aos alunos um ambiente que lhes permita o contato com opiniões e visões diferentes, aprender a tomar decisões em conjunto e trocar informações que podem acelerar a aprendizagem.

No filme *Vem Dançar*, como você deve estar lembrado, cada aluno tinha suas próprias características (estilo de cabelo, forma de dançar, estilo de roupa etc.) e algumas delas eram comuns aos outros participantes daquele grupo (dançar, contestar etc.). O professor Pierre Dulaine soube explorar não só as características do grupo, mas também as individuais para conquistar todos os alunos. No final, eles mostraram atitude e renovaram a imagem que os demais professores e a diretora tinham a respeito deles. De todas as situações do filme, podemos destacar a atitude da aluna rica que deixou seu ambiente de estudo por considerá-lo desagradável e preferiu estudar com alunos de outra classe social, pois se sentia melhor com eles.

Se a atitude é um instrumento de movimentação do sujeito a forma de se mover vai depender de suas características individuais. A estas características a Psicologia dá o nome de Personalidade. No papel de aluno, o sujeito deve aprender a ter atitude.

Em todo processo de aprendizagem há alguém, há um sujeito, que aprende. Esse alguém – suas características, sua capacidade, aptidões e interesses, mas também suas energias, seus processos próprios, sua auto consciência – é relevante para os processos através dos quais o aprender é constituído. Em Psicologia costuma-se falar em personalidade, para se referir ao sujeito dos processos de conduta, dos distintos processos nos quais a conduta consiste e entre os quais está a aprendizagem. “Personalidade” por outro lado, costuma ser contraposta à “inteligência”, à capacidade cognitiva e conjunto de aptidões do indivíduo; ou em outra possível direção, é identificada com as características individuais e propriamente diferenciais de uma pessoa frente a outra.

Na realidade, por “personalidade” há de entender-se um conjunto ou sistema muito mais amplo, no qual, desde logo, entram as características diferenciais, mas também outros processos do sujeito, e no qual, não menos certo, hão de incluir-se também as características de aptidões ou capacidade, habitualmente agrupadas sob o rótulo de inteligência (FIERRO, 1996, p. 154).

Cada pessoa, caro aluno, tem as suas características de personalidade, mas, ainda assim, podemos dizer que existem algumas que são comuns, como as que abordaremos a seguir.

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS: é a forma distinta de cada pessoa reagir a situações semelhantes ou iguais. É nesse momento que surge a maioria das discordâncias, pois uma mesma situação pode ser vista a partir de várias possibilidades.

ESTABILIDADE: esta é uma característica que vai aparecendo com o tempo. Neste caso, vemos o indivíduo mantendo um certo grau de regularidade em seu comportamento diante de situações diferentes. Apesar de cada pessoa ter o seu jeito específico de ser, acaba agindo dentro de um padrão esperado para ela. Quando temos intimidade com alguém e demonstramos algum conhecimento sobre os pensamentos e ações dessa pessoa, estamos falando da sua estabilidade.



Obs.: ao longo da vida, algumas dessas características podem mudar, pois a pessoa não é escrava dessa regularidade, e a nova característica, se constante, passará a fazer parte da estabilidade.

CARÁTER ATIVO E PRINCÍPIO DE AÇÃO: o primeiro é a condição de agir e não de reagir diante de estímulos apresentados pelos contextos em que se está inserido. Ao invés de atuar impulsivamente, você para e entende a situação antes de se movimentar. O segundo é consequência do primeiro e é constituído pela forma como você vai agir no ambiente impedindo a simples reação diante desse.

SI MESMO: são os processos que se referem à própria pessoa (auto-percepção, auto-estima, autoconhecimento, auto-regulação etc.).

INTERAÇÃO: condição de se apresentar para a sociedade e interagir com ela. Algumas pessoas interagem mais, outras menos.

Junto a essas características de personalidade, o autor nos mostra também a existência de alguns estilos cognitivos que são apresentados pelas pessoas. Mas o que vem a ser estilos cognitivos?

Cenestésicos

Este termo refere-se à sensibilidade interna do nosso organismo. Quando mencionamos um estímulo que surge dentro do nosso corpo (uma dor, por exemplo) estamos falando de um estímulo cenestésico.

Cinestésicos

É a percepção que o indivíduo tem de seus movimentos.

ESTILOS COGNITIVOS

Esses estilos são padrões individuais que a pessoa tem para reagir diante de estímulos recebidos a partir do que é aprendido ou de processamento cognitivo de informação e de enfrentamento à realidade.

De acordo com Fierro (1996), temos os seguintes estilos:

DEPENDÊNCIA/INDEPENDÊNCIA DE CAMPO: este é um estilo perceptivo relacionado à forma pela qual as pessoas coordenam as informações recebidas através dos diversos campos sensoriais, tendo como destaque a visão e os processos **cenestésicos**.

Vamos utilizar um exemplo apresentado por Fierro (1996) e que envolve a visão. Se formos falar de percepção visual, encontraremos algumas pessoas que não dependem do contexto (campo visual) para entender o que estão vendo, enquanto outros necessitam dele. Imagine o espaço de uma sala pequena em condições de penumbra e com algumas pessoas dentro dela. Lá se coloca uma vara (em posição vertical) que faz movimentos de um lado para o outro. Esse experimento foi realizado e como resultado constatou-se que algumas pessoas tinham facilidade para acertar a localização da vara enquanto outras se mostravam confusas. Essas últimas necessitavam de mais informações visuais. Por exemplo, para elas seria mais fácil localizar a vara se a luz estivesse acesa. Já as primeiras não sentiam dificuldades para isso.

As pessoas foram classificadas como dependentes do campo (quando necessitavam do contexto para formular um juízo de localização) e independentes do campo (se não necessitavam do contexto do campo). Os classificados como independentes demonstram uma característica de resolução de problemas que envolve um estilo analítico do caso, com um olhar crítico

que separa e observa cada elemento da situação dada. Já os dependentes de campo trazem um estilo sintético e intuitivo na resolução dos problemas.

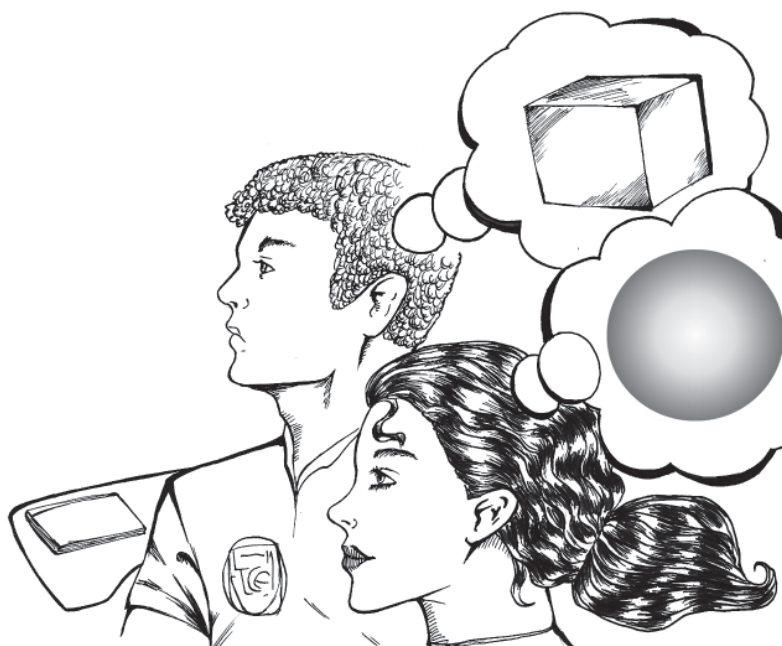
Os estudos concluíram ainda que as vantagens de um estilo sobre o outro não são significativas.

REFLEXIBILIDADE /IMPULSIVIDADE: este estilo se refere às formas como as pessoas encaram problemas que têm diversas possibilidades de resolução. Os reflexivos seriam aqueles que estudam a situação de desenvolver algumas hipóteses possíveis. Após analisarem as opções, escolhem aquela que parece ser mais viável para executar.

Os impulsivos desenvolvem ações para resolver os problemas e só depois formulam hipóteses para compará-las aos resultados.

Algumas pesquisas apontam que os indivíduos que trabalham no formato reflexivo, por exemplo, produzem um maior número de comparações entre as possibilidades de solução, pois conseguem chegar a resultados mais maduros.

SIMPLICIDADE/COMPLEXIDADE: ao estudarmos Piaget, vimos que durante o desenvolvimento do ser humano há modificações na forma de guardarmos as informações. Iniciamos com os esquemas, até chegarmos ao que é conhecido como memória. Com a memória funcionando, passamos a dividir e a substituir as informações em categorias e subcategorias.



Quando falamos de simplicidade e complexidade cognitiva, estamos nos referindo à condição que as pessoas têm de conceituar e classificar os elementos do mundo ao seu redor. O estilo simples consiste em poucas classificações enquanto o estilo complexo em muitas.

Dogmático

Relativo a dogmas e dogmatismo; que se apresenta com caráter de certeza absoluta.

Fierro (1996) afirma que a complexidade cognitiva corresponde a um amadurecimento do indivíduo e, por conta disso, deve ser incentivada. Ele observa ainda que é preferível ter um pensamento flexível e liberal que um pensamento rígido, **dogmático** e autoritário. Isso é muito simples de entender: quando o pensamento é rígido, temos mais dificuldade de mudar e, por consequência, de renovar as informações. Já o pensamento flexível favorece a aquisição de novos entendimentos e mais facilidade para aceitar mudanças de regras.

Esses estilos constituem os caminhos pelos quais as crianças podem aprender. Observou-se que para atividades acadêmicas intelectuais o mais apropriado seria a combinação dos estilos independente de campo, reflexivo, complexo e flexível. Mas isso seria o ideal. No entanto, devemos trabalhar para favorecer o que o aluno já tem e proporcionar-lhe experiências que possibilitem o contato com os outros.



ATIVIDADES

Com base no conteúdo estudado, o que você entende por personalidade? De que forma a personalidade pode interferir no aprendizado?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O conceito de personalidade, caro aluno, é um dos mais importantes para a Psicologia. Ela constitui o conjunto de características que uma pessoa tem e que a diferencia das demais, isto é, a sua marca individual. É formada a partir do meio onde a pessoa vive e das informações que lhe chegam, associadas à forma como o indivíduo percebe o mundo ao seu redor. Através dessas características, o professor conhece os seus alunos. Com tais informações, ele poderá elaborar atividades mais agradáveis para a turma e saber como abordar o aprendiz quando esse estiver obtendo resultados negativos.

ANSIEDADE E EXPECTATIVAS DE CONTROLE

Neste bloco, iremos tratar de alguns padrões comportamentais mais ligados a questões motivacionais e afetivas, que apesar de serem menos cognitivas, interferem nas ações de aprendizagem. Nos processos cognitivos que estudamos, verificamos como as pessoas entendem o mundo ao seu redor. Agora, vamos ver como elas sentem esse mundo. Só para ressaltar, a forma como sentimos o que nos cerca vai influenciar diretamente na forma como o entendemos.

Podemos afirmar que nos processos de ensino e aprendizagem a ansiedade se destaca como forma de sentir o mundo, no nosso caso, os conteúdos e os resultados escolares.

A ansiedade constitui um fenômeno de personalidade altamente representativo, precisamente por sua complexidade, de natureza neurofisiológica, emotiva, motivacional e comportamental. Manifesta-se em um padrão de ativação fisiológica, de pautas motoras mal ordenadas, e escassamente funcionais e em um estado emocional de ânimo desagradável para o sujeito. Este último elemento, de natureza emocional, comporta, provavelmente, conseqüências motivacionais: a ansiedade funciona como um impulso ou motivo determinantes de ação, de comportamento. (Fierro, 1996, p. 157).

Sentir ansiedade é algo comum. Muitas vezes dizemos que estamos nervosos diante de algo que está para acontecer. O que é preciso saber, nesse caso, é que a interferência da ansiedade na Educação será positiva ou negativa de acordo com o grau de intensidade que é sentida. Estudos mostram que tanto um alto como um baixo grau de ansiedade atrapalham o rendimento (execução de tarefa) do aluno e o ideal é permanecer num grau intermediário, pois ele se mantém interessado e não fica confuso e com medo.

Quando se trata de aprender, a situação é semelhante à do rendimento. Verificamos que um alto nível de ansiedade atrapalha principalmente a aquisição de conhecimentos mais complexos. Muitos alunos, principalmente pela forma como foram criados, apresentam grande envolvimento emocional com o ato de aprender, o que pode gerar o aumento da ansiedade.

Certa vez, conheci um garoto que obteve sua primeira nota vermelha em um prova no terceiro ano do Ensino Médio, e cuja reação foi chorar muito e alto. Dizia que aquilo não poderia estar acontecendo com ele e que agora era um fracassado. A forma como ele encarou aquele problema chamou a atenção dos demais alunos, que viam a nota vermelha como algo normal. Essa nota marcou aquele ano para o aluno, que se sentiu obrigado a recuperar a nota e a se superar.

Inegavelmente, um dos momentos de maior ansiedade é o da avaliação. Como professores devemos tomar cuidado para não provocar ansiedade nos alunos. Quem está sendo avaliado tem uma expectativa quanto ao seu resultado, se vai ser considerado capaz ou não.

E por falar em expectativa, caro aluno, Fierro (1996) nos mostra como isso se manifesta a partir da segurança que o aluno sente naquele ambiente. Em outras palavras, ele precisa sentir que tem controle sobre o ambiente onde está para acreditar que pode realizar algo. Não devemos confundir ter controle com comandar, mas saber o que está fazendo e se sentir a vontade para isso.

A sensação de controle abre possibilidades para a sua expectativa de eficácia, ou seja, sua capacidade de cumprir a tarefa indicada. Esses são aspectos de fundamental importância para a aprendizagem.

Já aprendemos que numa sala de aula é o professor quem comanda as atividades, e é sua responsabilidade criar condições adequadas para haver um nível moderado de ansiedade que favoreça o desempenho dos alunos.

CONCEITO DE SI MESMO OU AUTOCONCEITO

O autoconceito é mais que o conceito que o indivíduo tem de si mesmo (sou bonito, sou feio, sou inteligente, sou alto...). Ele é formado por um conjunto de representações mentais que incluem imagens e juízos, além de aspectos sócio-psicológicos, corporais e morais. Quando falamos de juízo, estamos nos referindo à condição que o indivíduo tem de se perceber e se descrever nos diversos aspectos de sua vida: intelectualmente, socialmente, sexualmente etc., além de promover uma avaliação a respeito.

Sendo assim, temos um juízo descritivo e um avaliativo. É nesse segundo que se encontra a auto-estima. O autoconhecimento é tão importante que pode ser decisivo para o futuro do aluno, pois seu desempenho corresponderá àquilo em que acredita. Nesse caso, o professor pode ajudar, mas a família e o meio onde que vive é fator condicionante. O que não pode acontecer é o professor prejudicar o aluno com atitudes que ferem a integridade do aprendiz.



ATIVIDADES

De que forma, caro aluno, você poderia explorar as características dos alunos (ansiedade, autoconceito, aspectos cognitivos e personalidade)? Exemplifique através de uma atividade que você poderia passar para os alunos.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Aulas interativas e dinâmicas atraem o aluno. Devemos sempre estar preparados para explorar tais características. Poderíamos propor uma atividade em grupo com uma gratificação para os alunos ao final do trabalho, que seria contada como parte da avaliação. Isso promoveria a ansiedade necessária. A experiência de estar em contato com outros iria favorecer o autoconhecimento e a interação das diversas personalidades. Os processos cognitivos podem ser explorados com o aumento gradativo da dificuldade. Ao final, o professor pode, em círculo, discutir com os alunos as maiores dificuldades para realização dessa atividade e o que aprenderam trabalhando em grupo.

CONCLUSÃO

Ao longo desta aula, aprendemos que toda pessoa tem a sua personalidade, mas ela será desenvolvida em conjunto com o meio. A personalidade é uma junção do que é oferecido pelo meio com a capacidade de aprender e interpretar. É ela que marca o conjunto de características individuais e comportamentais de cada um, e de como o indivíduo vai enfrentar o mundo. Por meio dela, as pessoas se escolhem no momento de constituir um grupo.

RESUMO

Nesta aula, apresentamos um estudo acerca das questões individuais e coletivas do ser humano e, mais especificamente, do aluno. Em nossa sociedade, verificamos que há procedimentos que podem ser generalizados (horários, leis etc.), isto é, servem para o coletivo, mas há outros que se restringem ao indivíduo (tipo de roupa, corte de cabelo, hábitos alimentares, preferências musicais, crença religiosa etc.) e como eles podem interferir no aprendizado do aluno. Destacamos a definição de personalidade como marco das características de cada pessoa, por ser um dos termos mais importantes da Psicologia. É através da personalidade que o ser humano entende o mundo e os comportamentos que são reproduzidos. Vimos, também, que a forma de o aluno sentir o seu mundo pode interferir diretamente no seu modo de aprender. Por suas próprias características, alguns alunos se envolvem mais em grupo e outros são mais tímidos, uns preferem estudar sozinhos outros em coletividade. São muitas as diferenças entre as pessoas, e isso faz do professor um profissional atento para essas singularidades.



REFERÊNCIAS

- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. **Dicionário Técnico de Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- COLL, César; MIRAS, Mariana. Características individuais e condições de aprendizagem: a busca de interações. In: **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- FIERRO, Alfredo. Personalidade e aprendizagem no contexto escolar. In: **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.